



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A PAISAGEM MARÍTIMA DO LITORAL DO MINHO. UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO À PAISAGEM ECONÓMICA DE VIANA DO CASTELO

Tiago Silva¹

RESUMO

Este artigo pretende estudar a paisagem marítima económica do litoral de Viana do Castelo, com base na análise dos vestígios arqueológicos e dados históricos. Esta é uma área de investigação ainda pouco desenvolvida no contexto regional minhoto, enquadrando-se este trabalho no projecto de doutoramento “A paisagem marítima do noroeste português. A perspectiva da arqueologia.”²

A importância desta região na navegação é referida nas fontes escritas e na bibliografia e o seu registo material vem sendo revelado ao longo das últimas décadas através dos vestígios arqueológicos costeiros, que abriram novas perspectivas de estudo sobre a organização deste espaço marítimo.

Palavras-chave: Arqueologia marítima; Paisagem cultural marítima; Valorização do património; Minho.

ABSTRACT

This paper aims at studying the economic maritime landscape of the coast of Viana do Castelo, based on the analysis of archaeological remains and historical data. This is an underdeveloped research area in the context of the Minho region, and the work presented here is part of the doctoral project “The maritime landscape of Northwest Portugal. An archaeological perspective.”

The importance of this region for navigation is mentioned both in written historical sources and in the specialised literature. More recently, archaeological evidences revealed over the past few decades, namely material remains associated to coastal activities, have presented an opportunity for new research perspectives on the organisation of this maritime space.

Keywords: Maritime archaeology; Maritime cultural landscape; Cultural heritage appreciation; Minho.

1. INTRODUÇÃO

No litoral do alto Minho, na região compreendida entre a foz do rio Neiva e a foz do rio Minho, há um conjunto significativo de evidências arqueológicas, materiais e imateriais, que se relacionam entre si e que formam uma paisagem particular. Essas evidências, embora visíveis no contexto costeiro, e por vezes estudadas individualmente, permanecem por analisar enquanto conjunto, com uma visão integral inserida num determinado espaço-tempo.

A cronologia que definimos para este trabalho enquadra-se sensivelmente entre o final do período medieval, no qual se desenvolve a navegação costeira, e o início do período industrial, em que se dá um desenvolvimento significativo na construção naval, com a introdução do motor a vapor, que acelerou a navegação e a previsibilidade do comércio oceânico. No espaço e na cronologia não pretendemos ser rígidos. Abordagens anteriores analisavam a evolução da paisagem ao longo do tempo de forma singular e contínua. Nesta perspectiva, partimos do princípio

1. CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa / toiago@gmail.com

2. Este trabalho foi realizado no âmbito da bolsa de doutoramento [SFRH/BD/139676/2018] financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

de que o processo cultural é dinâmico e que podem existir múltiplas percepções da mesma região, experienciadas por indivíduos ou grupos de indivíduos nos mesmos períodos (Duncan, 2017).

Este trabalho desenvolve-se dentro do conceito de paisagem cultural marítima e procura estudar os vestígios de uma forma integrada (Westerdahl, 1992, Westerdahl, 2013). A análise dos dados disponíveis – arqueológicos, geológicos, cartográficos, históricos, fotográficos – podem dar outro significado ao estudo desta paisagem. Aos vestígios materiais acrescentamos vestígios imateriais como a toponímia, as tradições locais ou as rotas, que se interligam com pontos em terra, o que pode oferecer novos dados para o conhecimento do património cultural marítimo regional, e permitir outro tipo de leituras e interpretações.

Como referimos, o conceito de paisagens culturais marítimas procura relacionar várias camadas de informação associadas a um tempo e um espaço. A capacidade de resposta às mais diversas questões foi gradualmente aumentando, através do cruzamento de variáveis tanto culturais – tais como naufrágios e sítios em terra – como naturais – como a hidrografia, os ventos, as correntes ou os canais de navegação (Carter, 2011) – que, numa análise integrada, permitem interpretações mais complexas, bem como o estudo de questões como estratégias de localização, navegabilidade, acessibilidade, rotas óptimas, percepção do espaço ou definição de territórios (Popta et al., 2018; Cerezo Andreo, 2016).

Neste conceito, a paisagem define-se como: *the human utilisation (economy) of maritime space by boat: settlement, fishing, hunting, shipping and its attendant sub-cultures such as pilotage, lighthouse and sea-mark maintenance* (Westerdahl, 1992: 5). Segundo esta perspectiva, a paisagem é mais do que barcos, lugares, portos ou faróis, compreendendo todos estes elementos, imbuídos de significados simbólicos. É como um mapa mental dos aspectos funcionais do ambiente (Westerdahl, 1992: p. 5; Magalhães, 2019, pp. 37-38). Em suma, a paisagem é vivida e construída por quem a habita e experiência.

A sua aplicação juntamente com metodologias dos sistemas de informação geográfica (SIG), através da sobreposição de informação cartográfica antiga, actual e fotografia aérea, permitiu obter uma primeira imagem da evolução do espaço costeiro. Se relacionarmos essa informação com os dados arqueológicos, históricos, etnográficos, e geológicos,

poderemos obter uma leitura sobre a evolução da paisagem cultural marítima.

O objectivo central deste trabalho é estudar a paisagem marítima de Viana do Castelo aplicando este modelo de gestão da informação. A partir dos vestígios disponíveis pretendemos fazer a reconstituição da paisagem costeira, integrar novos sítios e evidências arqueológicas e interrelacioná-las. Esta abordagem poderá ajudar a perceber o povoamento e as estratégias de ocupação do espaço regional e a sua articulação com a navegação e com os principais eixos de comunicação.

2. A ARQUEOLOGIA MARÍTIMA DO LITORAL MINHOTO

Ao longo dos últimos anos, vários trabalhos de investigação na área da arqueologia vieram revelar que a relação do homem com o mar e o litoral minhoto começou a ser construída em cronologias bastante recuadas (Capela, 2005).

Trabalhos realizados nas décadas de 1980 sobre os contextos pré-históricos evidenciaram a existência de um conjunto de monumentos megalíticos, ao longo da faixa litoral, que parecem sinalizar um itinerário costeiro, permitindo adivinhar um tráfego marítimo rudimentar (Capela, 2005). Para a Idade do Bronze, são de assinalar diversos estudos sobre vestígios litorais associados a deposições votivas, amortizações de materiais em zonas próximas de recursos aquáticos, ou representações artísticas inseridas no contexto da arte atlântica (Fernandes, et al., 2011; Bettencourt, et al., 2014; Santos 2014; Bettencourt, 2017; Santos-Estevéz, et. al., 2017).

Quanto à Idade do Ferro, a bibliografia tem revelado que o povoamento neste período começou a ser edificado na cumeada de pequenos montes e outeiros com ampla visibilidade sobre os vales dos rios e sobre o litoral, controlando corredores de passagem de pessoas e bens; também desta cronologia são as primeiras evidências materiais relacionadas com a navegação, nomeadamente as pirogas monóxilas do Rio Lima (Alves e Rieth, 2007, Blot, 2003; Almeida, 2003; Lemos, 1982; Costa, et al., 2012).

Os vestígios relacionados com o período romano indicam já um forte impacto da navegação, em particular relacionada com o comércio. A este respeito, assinala-se a existência de diversos materiais de importação que, pela sua abundância, parecem apontar para um intenso comércio marítimo, particularmen-

te com o Mediterrâneo (Peña Santos, 1988; Almeida, 2003; Blot, 2003; Morais, 2004; Morais, 2013).

Embora reduzidos, os vestígios medievais deste período dão conta de vários cais e embarcações, e algum edificado cuja posição parece relacionar-se com o controlo do espaço marítimo, o que sugere uma continuidade na navegação e nas formas de povoamento (Blot, 2003; Capela, 2005; Carvalho, 2008; Alves e Rieth, 2007; Rodrigo et al., 2004).

Contudo, no período moderno, o património relacionado com o mar aumenta significativamente, na sequência do forte aumento de tráfego que a partir de então se verifica (Barros, 2006). A identificação de vestígios arqueológicos relacionados com a navegação parece indicar a adaptação do litoral a este aumento, que se materializou na construção de uma série de estruturas e equipamentos industriais, sendo ainda de salientar diversos vestígios arqueológicos terrestres e subaquáticos que nos remetem para problemáticas relacionadas com o comércio, a indústria, a construção naval e as políticas associadas ao mar (Moreira, 1984; García Gómez, 2017).

3. ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO, VENTOS, CORRENTES E MARÉS

Na geografia peninsular, a região do alto Minho encontra-se numa zona limítrofe do território português – faz fronteira a norte e a leste com o território espanhol (região Galega), a ocidente com o oceano Atlântico e a sul com distrito de Braga. Trata-se de uma zona de confluência de vários eixos de comunicação, quer marítimos e fluviais, quer terrestres, que se desenvolvem a partir daqui para o mar e para o interior, através dos rios e de uma organizada rede viária (Figura 1).

A proximidade ao mar confere a esta região um clima ameno, com menos frio e pluviosidade que no interior, o que juntamente com a facilidade de obtenção de recursos naturais lhe proporciona boas condições de habitabilidade, permitindo a fixação das comunidades costeiras. O clima é do tipo Atlântico, com um verão longo, quente e seco e um inverno chuvoso, frio e húmido. A morfologia costeira é agreste e recortada, com cerca de 60% de praias arenosas e as restantes praias de cascalho e costa rochosa (Alves, 1996).

No alto Minho, os ventos mais frequentes são do quadrante N e NW, com especial incidência durante o Verão, e os de maior intensidade sopram dos qua-

drantes W e SW no inverno (Alves, 1996; Vale, 2008). Factores como a latitude, a orografia, a influência do oceano e a influência continental, conjuntamente com o alinhamento da linha de costa – no sentido N/S – reflectem-se fortemente nas condições meteorológicas. Esta conjugação cria condições ambientais particulares a nível regional. É bem conhecida a “nortada”, com maior incidência nos meses de verão, que se caracteriza por ventos fortes do quadrante norte (Vale, 2008).

As correntes superficiais, conjugadas com o regime de ventos e com a geografia, determinam a ondulação marítima e são responsáveis pelos processos sedimentares que se verificam ao longo da costa. Na região em estudo, a ondulação mais frequente ao longo do ano é do quadrante noroeste, com alturas que podem variar entre um e seis metros. Durante o inverno a ondulação mais frequente é do quadrante sudoeste, e com menor frequência, do quadrante oeste, caracterizando situações de temporal.

As marés são do tipo semidiurno, com o nível médio do mar situado no 2,0 m (zero hidrográfico), com preia mar média de 3,4 m e baixa mar de 0,6 m. No estuário do rio Lima, a influência das marés propaga-se até cerca de vinte quilómetros para o interior (Alves, 1996).

4. PAISAGEM ECONÓMICA DE VIANA DO CASTELO

De acordo com a perspectiva de análise da paisagem marítima, as actividades económicas serão as que mais influência exercem sobre a paisagem, sendo das mais importantes para as comunidades marítimas, especialmente para comunidades pequenas e mais isoladas, uma vez que são estas actividades que asseguram a sua subsistência. O estudo da dimensão económica da paisagem marítima não deve, contudo, cingir-se a actividades directamente relacionadas com o mar como a pesca, a caça ou a recollecção, devendo, pelo contrário, estender-se à agricultura ou às actividades pastoris, na medida em que estas comunidades também dependiam dos recursos da terra, e muitas actividades agrícolas existiam e desenvolveram-se para dar resposta às dinâmicas marítimas (Westerdahl, 2013; Popta et al., 2018).

Numa costa com uma geomorfologia recortada, rochosa e com um elevado número de praias de cascalho, todo o espaço era aproveitado para o desenvolvimento de actividades económicas. O espaço

estava organizado em torno de uma rede de portos, de maior ou menor dimensão, com ou sem infraestrutura, mas que davam acesso privilegiado ao mar. Neste sentido, o porto não deve ser visto apenas enquanto estrutura edificada. Na perspectiva que aqui adoptamos, esta rede constitui um *centro cultural marítimo*, na medida em que é uma zona caracterizada por uma grande concentração de infraestruturas, e com topónimos relevantes que fazem referência a sítios arqueológicos, portos ou cais (Popta et al., 2018, pp. 7-8). Neste caso, se considerarmos a paisagem do litoral de Viana do Castelo, os portos eram zonas onde “as pessoas se reuniam munidas dos aprestos necessários para se dedicarem à pesca como modo de vida, com o fim de valermos à sua manutenção e auferirem lucro vendendo nos mercados o produto do seu trabalho” (Silva, 1892, p. 73).

Os principais portos situavam-se em Viana do Castelo e Caminha. Através da análise da historiografia, verificamos que o foral de Viana de 1258 dava conta de que havia já na vila um comércio marítimo e piscatório assinalável e bem estabelecido, o que conferia ao porto uma vitalidade considerável (Jesus e Silva, 2004). Ali entravam barcos carregados de peixe que era comercializado na região e também exportado (Moreno, 1992). Esta vitalidade foi constante ao longo dos séculos seguintes, e no século XV, a ocupar o lugar de um cais anterior em estacaria, foi construído o Cais Novo, referido nas fontes coetâneas como “*o melhor de todos estes reinos*” (Blot, 2003, p. 169).

Na dependência destes portos principais encontrava-se uma série de outros que eram usados para a pesca e para a apanha do sargaço, e para dar apoio à dinâmica comercial associada a estes produtos. O seu desenvolvimento encontra-se relacionado com o aumento das necessidades económicas das comunidades marítimas e com o desenvolvimento da construção naval, que acabaram por deixar marcas na paisagem (Rogers, 2013).

As marcas de actividades económicas na paisagem são várias, e sobretudo relacionadas com a pesca. Entre estas, na zona entre marés, contam-se as camboas construídas sobre afloramentos rochosos, armadilhas em pedra solta que permitiam a entrada do peixe na maré cheia e lhes travava a saída na maré vazia (Silva, 1892, p. 488, Magalhães, 2006, p. 56). Estas estruturas eram feitas com o mar quieto e apenas em algumas fases da lua, encontrando-se representadas na cartografia antiga, nomeadamente no plano hidrográfico da barra e porto de Viana do Castelo

de 1865 (Folque, et al., 1886). Podiam ser exploradas pelo rei, por particulares e por irmandades (Figura 2). Quanto à pesca, as espécies mais capturadas, segundo as fontes do período medieval, seriam a pescada, atum, raia, pargo, espadarte, congro, golfinho, toninha e baleia (Pereira, 2012, p. 4). No período moderno, tanto nas inquirições como no estado das pescas de Baldaque da Silva, distinguem-se as espécies do alto mar e da costa. Na pesca de alto a principal espécie era a pescada, embora viesse na rede por vezes alguma caneja, cação e badejo. Já na pesca costeira apanhavam-se sobretudo rasca, ruivo, congro, lagosta, robalo, pargo, goraz, cachucho e faneca (Lobo, 1812, pp. 309-311; Silva, 1892, pp. 77-78).

Além do mar, esta actividade era também desenvolvida nos rios, onde se pescavam trutas, bogas e escalos, e nas zonas estuarinas, ricas em solhas, tainhas e lampreias. No contexto fluvial, a melhor época de pesca era de Janeiro a Junho, e como os pescadores do rio não se dedicavam exclusivamente à pesca tinham de pagar a jornaleiros para lhes trabalharem as terras (Silva, 1892, p. 77). Pescavam salmão, sável e lampreia, os mais rentáveis, embora também entrassem no rio espécies como tainha, muge, enguia, truta, escalo, boga, bogardo e algumas solhas, o que lhes permitia ter uma economia complementar. No contexto em estudo neste trabalho, a pesca era feita essencialmente a partir de embarcação, da qual deitavam redes; mas podia também ser feita a partir das margens, embora tal se verificasse em zonas mais a montante do rio, que ultrapassam o âmbito desta análise (Silva, 1892; Capela, 2005).

No século XIX, na pesca do alto era utilizada a lancha poveira, do tipo *barco do pilado*, que era usada da Póvoa do Varzim para norte, até Âncora. Na pesca costeira os barcos utilizados eram de qualidade náutica inferior, dada a proximidade aos portos de abrigo. Podiam ser de vários tipos, conforme o tipo de pesca que praticavam, sendo aqui de destacar o galeão, galeonete, buque ou canoa, na arte de galeão (Oliveira et al., 1990). No litoral e no apoio à actividade sargaceira, eram utilizadas as masseiras ou *gamelas*, que eram pequenas embarcações de proa e ré cortadas, e de fundo plano ligeiramente arqueado. Foram muito utilizadas entre Caminha e o Neiva pela sua boa adaptação à geomorfologia costeira regional, porque manobravam bem nas passagens estreitas entre penedos e eram bastante robustas. Além destas eram também utilizadas as *jangadas*, sobretudo de Anha para sul, que cumpriam um pro-

pósito semelhante ao das masseiras, quer na recollecção de sargaço, quer na pesca costeira do polvo, que era feita entre os afloramentos e que requeria boa manobrabilidade (Oliveira et al., 1990, 92-102). A paisagem da cidade apresenta também um conjunto de vestígios relacionados com estruturas que se desenvolveram para dar apoio a actividades piscatórias e navegação. Na cartografia da margem norte da barra de Viana de 1865 (Folque, et al., 1886) identificamos a praça do peixe, seguida da doca da Dizima, junto à casa da Dizima. Em frente à fortaleza de Santiago da Barra encontramos a doca e o cais do castelo, e a fechar a barra encontra-se o Bugio. Na margem sul, do lado de Darque, encontramos uns armazéns e os fornos da cal, com um cais de apoio junto à barra. Para o apoio à navegação, verifica-se a construção de marcas novas, e mais para sul encontra-se representada a marca velha (Figura 2). A montante da capela da Senhora das Areias, junto à actual ponte Eiffel, encontrava-se o cais novo, para dar apoio à fábrica de processamento do bacalhau. Na verdade, a pesca do bacalhau na Terra Nova, que se iniciou ainda no século XVI, veio produzir uma série de alterações na paisagem da cidade. A intensidade da pesca desta espécie e a sua produção em massa, a partir do século XX, conduziu a um vasto programa de edificações que podemos ver tanto na paisagem urbana como na toponímia. Na toponímia podemos verificar a Rua da Seca em Darque, junto à ponte Eiffel, onde foi também construído o cais novo, para dar apoio à fábrica de processamento do bacalhau. Esta fábrica começou a ser referida a partir do século XVI, e o processamento do bacalhau era feito de maneira muito semelhante ao que conhecemos hoje, com recurso a pesca à linha, em pequenos botes em torno de um navio maior, sendo depois salgado nos porões para posterior venda e consumo (Magalhães, 1989). A mesma cartografia documenta alterações significativas na costa, assim como o problema que o assoreamento da barra sempre constituiu. Na cartografia que já referimos veem-se nitidamente as baixas profundidades da barra e as zonas que se encontram assoreadas. Ao sobrepor a cartografia actual e a cartografia antiga, percebemos a evolução da linha de costa e as construções que se fizeram para dar apoio ao desenvolvimento a navegação e das actividades económicas.

O assoreamento da barra permaneceu uma dificuldade persistente, que condicionava a navegação e a entrada de embarcações de maior calado. A partir

do século XVII, aumentam significativamente os relatos sobre o arrefecimento climático que teve como consequência o avanço das dunas litorais e o assoreamento da barra que era “estreita e desabrigada e perigosa” (Jesus e Silva, 2004, p. 229). Na toponímia verificam-se, à entrada da barra os *camalhões*, de terra e de mar, que são bancos de areia que se elevam do fundo, os *reboleiros*, locais que se caracterizam também por baixios, assim como o *roncador* e o *ladraão* e todos eles podem ser considerados acidentes à navegação (Figura 2).

Para minimizar este entrave, foi construído um paredão em 1538, e logo em 1561 deu-se início à construção do marachão de São Lourenço, com vista a canalizar o rio de modo a evitar a acumulação de areias. Para apoio à navegação foram instaladas balizas guia como “o pau do barraom” e o “pau do cabedelo” e, no interior da povoação foi colocada em determinados pontos sinalização para a navegação nocturna, de que é exemplo a do convento de S. Domingos (Abreu e Neto, 1993, p. 16).

Ainda em resposta aos pedidos para a resolução dos problemas de assoreamento, iniciou-se em 1685 a construção do cais do Cabedelo, a jusante do cais novo. Contudo, o problema persistiu pelo século seguinte, começando a pensar-se no encanamento do rio (Jesus e Silva, 2004, p. 229).

O frequente assoreamento da barra levou a adaptações na construção naval e, por conseguinte, nas tipologias típicas desta região, como podemos verificar pelos tradicionais “barcos de água arriba”, ou o “barco de Riba-acima”, e as barquinhas, adaptados às baixas profundidades quer do rio, quer da barra. Os primeiros, maiores, serviam para o transporte de madeira e para “fazer as feiras” e os segundos, mais pequenos, eram usados nas deslocações entre margens e para a pesca (Vieira, 1984, p. 21; Magalhães, 1998, p. 31).

Além das estruturas de âmbito náutico, a paisagem era também marcada por estruturas de defesa. Para dar apoio às redes comerciais em vigor, foi elaborado no século XVI um programa defensivo para proteger as frotas comerciais do corso e da pirataria, que ameaçavam a pesca e, consequentemente, a colecta de impostos (Jesus e Silva, 2004, p. 228). A construção da muralha da vila havia sido iniciada em 1263, ficando concluída em 1374, mas o aumento da actividade comercial, associada às mudanças significativas nas defesas militares, motivaram a construção de uma torre abaluartada no campo de

Santa Catarina na barra do Lima, a Torre de Roqueta, em 1502. A sua construção seguiu o modelo dos Baluartes de Cascais (1498) e da Torre de Belém (1515), e entre os anos de 1568 e 1572, aproveitando a Roqueta, foi construído um forte rectangular. Em 1589, verificou-se a necessidade de se construir um forte mais potente, o forte de Santiago da Barra, concluído em 1596 (Goméz, 2017, p. 135).

Na sequência desse programa, foram ainda construídos ao longo da fachada atlântica os fortes de Paçô/Montedor e Rego de Fontes/Areosa. No sentido poliorcético eram obras orientadas para funções de vigilância e defesa voltadas para o mar. Implantavam-se em pontos livres da costa e salvaguardavam localizações acessíveis a partir do mar, tais como praias ou portinhos (Goméz, 2017, p. 155).

Quando consultamos as referências na documentação histórica relativas a ocorrências de naufrágios na região, verificamos que elas incidem sobre uma série de escolhos que surgem representados na cartografia na forma de topónimos. As rochas à entrada da barra e o assoreamento foram responsáveis por várias ocorrências, que podemos constatar através da cartografia referida (Folque, et al., 1886), que nos mostra topónimos como o *Ladrão*, o *Roncador*, os *Camalhões* ou as *Borneiras*, todos sítios localizados na entrada da barra que podem indicar acidentes à navegação. Ao longo da costa, quer para norte, quer para sul, verificam-se também as *Pedras d'Anha* e as *Pedras Ruivas*. Outra zona que deveria ser de navegação atenta era a zona do Farol de Montedor, no qual se verificam também diversas ocorrências, como sugere o núcleo de 5 canhões e uma âncora ali descobertos fortuitamente (NIN – 5427), além de outros vestígios na mesma zona. Verificamos também as *Sumalhas* que aparecem representadas na cartografia de princípios do século XX e encontram-se actualmente assinaladas na carta náutica de Viana do Castelo, mas que eram anteriormente conhecidas como um bom local de pesca e um local onde, graças à sua pouca profundidade na maré baixa, muitas embarcações se perderam.³

A dinâmica marítima influenciou consideravelmente, como referimos, a actividade agrícola. A recolha de fertilizantes do mar é um bom exemplo desta interacção. A apanha de algas marinhas – o sargaço – e de cardumes de caranguejo – o pilado – era feita

por agricultores que utilizavam as alfaías típicas da agricultura, tais como ancinhos ou gravetas. Estes produtos eram utilizados como adubo para as terras, sendo recolhidos nas zonas de penedia, e secos nos areais das praias (Oliveira e Galhano, 1958).

A geomorfologia costeira regional oferece condições únicas para esta prática, que acabou por se transformar em profissão – o sargaceiro – e constituiu um factor essencial no povoamento costeiro. Esta actividade era essencialmente desempenhada por agricultores, que viviam no litoral e vinham apanhar as algas para adubar os seus cultivos, embora estas pudessem ser apanhadas também por marítimos sem terras – os cabaneiros – que viviam da praia, recolhiam algas, e ao mesmo tempo pescavam para o seu sustento e comércio dos excedentes. Nas praias onde recolhiam este produto, para dar apoio logístico à actividade, foram construídas pequenas casas de aprestos para arrecadação das algas, alfaías e barcos, que funcionavam como “dependências da casa de lavoura” (Oliveira et al., 1990, 13-23).

O sal foi outro dos produtos mais importantes comercializados, sendo amplamente usado na conservação de alimentos e peles. Foi produzido na generalidade dos portos portugueses na Idade Média e Moderna como complemento à actividade pesqueira e, dada a sua abundância no mar português, foi um importante valor comercial nas exportações neste período. A morfologia costeira potenciou também a produção salineira no contexto regional. Se na região de Aveiro e Setúbal a morfologia costeira permitiu longas extensões de salinas, no alto Minho o recorte morfológico costeiro proporcionou a sua produção em menor escala, feito em pequenas parcelas, nas pias salineiras. Podiam ser do tipo fixo, quando cavadas aproveitando o afloramento rochoso, com dimensões e morfologia variáveis e pequenas profundidades de modo a reduzir o tempo de evaporação (Almeida, 2005, pp. 148-150, Costa et al., 2012, pp. 106-109). Ou podiam também ser do tipo amovível, normalmente em suporte de xisto, com um comprimento máximo de 1 m e com profundidades de cerca de 5 cm (Bettencourt et al., 2020, pp. 988-989).

5. DISCUSSÃO

Como vimos, são vários os elementos que podemos considerar no estudo da paisagem económica, dada a grande diversidade de estruturas e sítios de

3. Sobre as *sumalhas*, veja-se <https://maolmar.blogs.sapo.pt/32743.html>.

cariz marítimo que compõem esta paisagem. Tanto a organização portuária nas duas margens como as adaptações dos espaços na fachada atlântica demonstram como este centro cultural se foi adaptando ao longo do tempo em torno do mar e do rio, desenvolvendo a construção naval, o comércio e a pesca. Alberto Sampaio, na sua obra *Povoas Marítimas do norte de Portugal*, refere que o porto de Viana do Castelo, com base nas inquirições de 1258, seria apenas sítio onde o pescado era descarregado, com alguns barcos pequenos, um estaleiro rude com o essencial, com poucos casebres, e apenas habitado quando não havia receio de assaltos inimigos (Sampaio, 1979). Nos séculos seguintes, no entanto, o desenvolvimento foi acentuado. A partir do século XVI, o porto de Viana era já considerado como um dos principais motores para o desenvolvimento da economia e da sociedade da região nortenha, servindo de eixo de ligação do atlântico norte ao atlântico sul. Este eixo ficou bem representado nas exportações de sal entre Portugal e o norte europeu, nomeadamente para os Países Baixos, nas quais o porto de Viana do Castelo se assume como um centro importante (Antunes, 2008); além do número de navios de alto bordo registados no porto, cerca de uma centena, com mais de trezentos homens a trabalhar directamente em ofícios de mar, além de outros trabalhadores com ofícios relacionados, desde artesãos a mercadores-banqueiros (Moreira, 1984, p. 43). Os dados apresentados demonstram como a análise da paisagem cultural marítima pode tornar-se numa perspectiva bastante relevante em estudos de âmbito regional, como forma de enquadrar vestígios isolados que, analisados em conjunto, nos podem oferecer uma imagem de como a paisagem cultural se formou e de como o homem adaptou a geografia aos mais diversos contextos económicos.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a Marco Freitas pelo apoio na elaboração dos mapas.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alberto A.; NETO, Delfim G. (1993) – *Estaleiros Navais de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- ALMEIDA, Carlos A. B. (2003) – *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre Cávado e o Minho*. 3 vols. Porto: Carlos A. Brochado de Almeida.
- ALMEIDA, Carlos A. B. (2005) – A exploração do sal na costa portuguesa a Norte do Rio Ave: da Antiguidade Clássica à Baixa Idade Média. In: AMORIM, Inês, ed. – *Seminário Internacional sobre o Sal Português*. Porto: Instituto de História Moderna, pp. 139-170.
- ALVES, António M. Caetano (1996) – *Causas e processos da dinâmica sedimentar na evolução actual do litoral do Alto Minho*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho.
- ALVES, Francisco; RIETH, Eric (2007) – *As pirogas 4 e 5 do rio Lima*. Lisboa: IPA – CNANS.
- ANTUNES, Cátia (2008) – The Commercial Relationship between Amsterdam and the Portuguese Salt-Exporting Ports: Aveiro and Setubal, 1580-1715. *Journal of Early Modern History*. 12, 1, pp. 25-53.
- BAPTISTA, Ivone (1989) – Viana na pesca do bacalhau (contributos para o estudo da sua história). Viana do Castelo: FORPESCAS.
- BARROS, Amândio Jorge Morais (2006) – O porto de Viana e a construção do Cais da Alfândega (1631-1633). *Revista da Faculdade de Letras – HISTÓRIA*. Porto. Série III. 7, pp. 133-147.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2017) – Gravuras rupestres do Noroeste português para além das artes atlântica e esquemática. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1053-1067.
- BETTENCOURT, Ana M. S.; COMENDADOR REY, Beatriz; SIMÕES, Pedro Pimenta; ALVES, Maria Isabel Caetano (2014) – O depósito de machados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo): Novos dados para a sua contextualização e interpretação. In BETTENCOURT, Ana M. S.; COMENDADOR REY, Beatriz; SAMPAIO, Hugo A.; SÁ, Edite, eds. – *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ & CIT-CEM, pp. 135-145.
- BETTENCOURT, Ana M. S.; LUZ, Sara; OLIVEIRA, Nuno; SIMÕES, Pedro P.; ALVES, Maria Isabel C.; ABAD-VIDAL, Emílio (2020) – Produção de sal marinho na Idade do Bronze do Noroeste Ibérico. Alguns dados para uma reflexão. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos, pp. 987-1000.
- BLOT, Maria Luísa P. (2003) – *Os Portos na Origem dos Centros Urbanos: Contributo para a Arqueologia das Cidades Marítimas e Fluvio-Marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- CAPELA, José Viriato (2005) – *As freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758: Alto Minho: Memória, História e Património*. Monção: Casa Museu de Monção & Universidade do Minho.
- CARTER, Matthew J. (2011) – *People, Place and Space: The Maritime Cultural Landscape of Otago Harbour*. Dissertação de Mestrado, University of Otago, Dunedin (Nova Zelândia).
- CARVALHO, Helena Paula A. (2008) – *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventos Bracarensis*. Tese de Doutoramento em Arqueologia, Universidade do Minho. 2 vols.
- CEREZO ANDREO, Felipe (2016) – *Los puertos antiguos de Cartagena. Geoarqueología, Arqueología Portuaria y Paisaje Marítimo: Un estudio desde la Arqueología Náutica*. Tese de Doutoramento, Universidad de Murcia.
- COSTA, Miguel; MACHADO, Jorge; LOPES, Hugo; ALMEIDA, Tiago (2012) – Pias salineiras da praia do Canto Marinho: Inventário Arqueológico. *Cadernos Vianenses*. Viana do Castelo. Tomo 46, pp. 95-111.
- DUNCAN, Brad Gregory (2006) – *The Maritime Archaeology and Maritime Cultural Landscapes of Queenscliff: A Nineteenth Century Australian Coastal Community*. Tese de Doutoramento, James Cook University.
- FERNANDES, João Oliveira; BETTENCOURT, Ana M. S.; COMENDADOR REY, Beatriz; ALVES, Maria Isabel Caetano (2011) – O depósito metálico da Bandeira, Viana do Castelo (Norte de Portugal) no contexto dos depósitos do Bronze Médio do curso inferior da Bacia do Lima. *Estudos do Quaternário*. 7, pp. 33-39.
- FOLQUE, Filipe; NORONHA, D. Carlos V.; FERREIRA, A. G. T. (1886). *Oceano Atlantico Norte: Costa Oeste de Portugal: Plano Hydrgraphico da Barra e Porto do Rio Lima e Costa Adjacente. Levantado em 1865*. Lisboa: Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos.
- GARCÍA GOMÉZ, Ramón (2017) – De la tierra contra el mar: Las fortificaciones litorales de la raya atlántica del Alto Minho. *O Pelourinho. Boletín de Relaciones Transfronterizas*. 21, pp. 129-185.
- JESUS, Elisabete de; SILVA, Hugo Ribeiro (2005) – Viana e o acesso ao mar nos finais do antigo regime. In *Jornadas do Mar 2004: Actas: “O Mar: um Oceano de Oportunidades”*. Almada: Escola Naval, pp. 228-235.
- LE MOS, Francisco S. (1982) – O Sítio Arqueológico de Gelfa. Notícia Preliminar. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. 2, pp. 21-48.
- LOBO, Constanino B. L. (1812) – Memória sobre algumas observações feitas no anno de 1789, relativas ao estado da pescaria de Entre Douro e Minho. In *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Tomo V. Lisboa: Academia Real das Ciências, pp. 377-409.
- MAGALHÃES, Ivone B. (1998) – *Embarcações tradicionais: em busca de um património esquecido*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- MAGALHÃES, Ivone B. (2019) – Paisagens marítimas do Norte de Portugal e Galiza: o futuro do nosso passado. *Nova Ardentia: Revista Galega de Cultura Marítima e Fluvial*. 11, pp. 34-41.
- MAGALHÃES, Ivone B.; BAPTISTA, João Paulo (2006) – Pesqueiras do mar: as Cambóas de Carreço. *Nova Ardentia. Revista Galega de Cultura Marítima e Fluvial*. 3, pp. 55-59.
- MORAIS, Rui (2004) – *Autarcia e comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial. Contribuição para o estudo económico da cidade*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho.
- MORAIS, Rui (2013) – Um naufrágio bético datado da época de Augusto em Rio de Moinhos (Esposende, Norte de Portugal). In MORAIS, Rui; MORILLO CERDÁN, Ángel; GRANJA, Helena Maria L. P. eds. – *O Irado Mar Atlântico: O naufrágio bético augustano de Esposende (Norte de Portugal)*. Braga: Sersilite, pp. 309-331.
- MOREIRA, Manuel António F. (1984) – *O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- MORENO, Humberto Baquero (1992) – A navegação e a actividade mercantil no Entre-Douro-e-Minho. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Série II. Vol. 9, pp. 9-24.
- OLIVEIRA, Ernesto V.; GALHANO, Fernando (1958). A apanha do sargaço do norte de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 16, 1-4, pp. 63-170.
- OLIVEIRA, Ernesto V.; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamin (1990). *Actividades agro-marítimas em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote.
- PEÑA SANTOS, Antonio (1988) – Últimas escavaciones en el Yacimiento Galaico-Romano de Santa Tegra (Pontevedra): Breve Resumen. In *Actas do Coloquio Manuel de Boaventura*. Vol. II. Esposende: Biblioteca Municipal, pp. 63-91.
- PEREIRA, Olegario Nelson A. (2012) – *Em torno da pesca, na costa Norte de Portugal, nos séculos finais da Idade Média (1292-1493)*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.
- POPTA, Yftinus van; WESTERDAHL, Christer L.; DUNCAN, Brad (2018) – Maritime Culture in the Netherlands: accessing the late medieval maritime cultural landscapes of the north-eastern Zuiderzee. *The International Journal of Nautical Archaeology*. 48, 1, pp. 172-188.
- RODRIGO, Ricardo; HERMOSILHA, Hélder; ALELUIA, Miguel (2004) – *Relatório da missão de prospecção arqueológica por detecção remota do Porto de Viana do Castelo*. Lisboa: Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática.
- ROGERS, Adam (2013). Social Archaeological Approaches in Port and Harbour Studies. *Journal of Maritime Archaeology*. 8, 2, pp. 181-196.

SAMPAIO, Alberto (1979) – *Estudos Históricos e Económicos*. Vol. II – “As Póvoas Marítimas”. Lisboa: Editorial Vega.

SANTOS-ESTEVEZ, Manuel; BETTENCOURT, Ana M.S.; SAMPAIO, Hugo A.; BROCHADO, Cláudio; FERREIRA, Gonçalo (2017). Shape and meaning: engraved weapons as materialisations of the Calcolithic / Early Bronze Age cosmogony in NW Iberia. In BETTENCOURT, Ana M. S.; SANTOS-ESTEVEZ, Manuel; SAMPAIO, Hugo, A.; CARDOSO, Daniela, eds. – *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest*. Oxford: BAR Publishing, pp. 151-165.

SILVA, António A. Baldaque da (1892) – *Estado Actual das Pescas em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VALE, Luís D. (2008) – *Estudo hidrodinâmico do porto de Viana do Castelo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro.

VIEIRA, Carlindo (1984) – *Barqueiros do Lima (Estudo Etnográfico)*. Viana do Castelo: Pelouro da cultura, Câmara Municipal.

WESTERDAHL, Christer L. (1992) – The Maritime Cultural Landscape. *The International Journal of nautical Archaeology*. 21, 1, pp. 5-14.

WESTERDAHL, Christer L. (2013) – The Maritime Cultural Landscape. In FORD, Ben; HAMILTON, Donny L.; CATSAMBIS, Alexis, eds. – *The Oxford Handbook of Maritime Archaeology*. Nova Iorque: Oxford University Press, pp. 733-762.

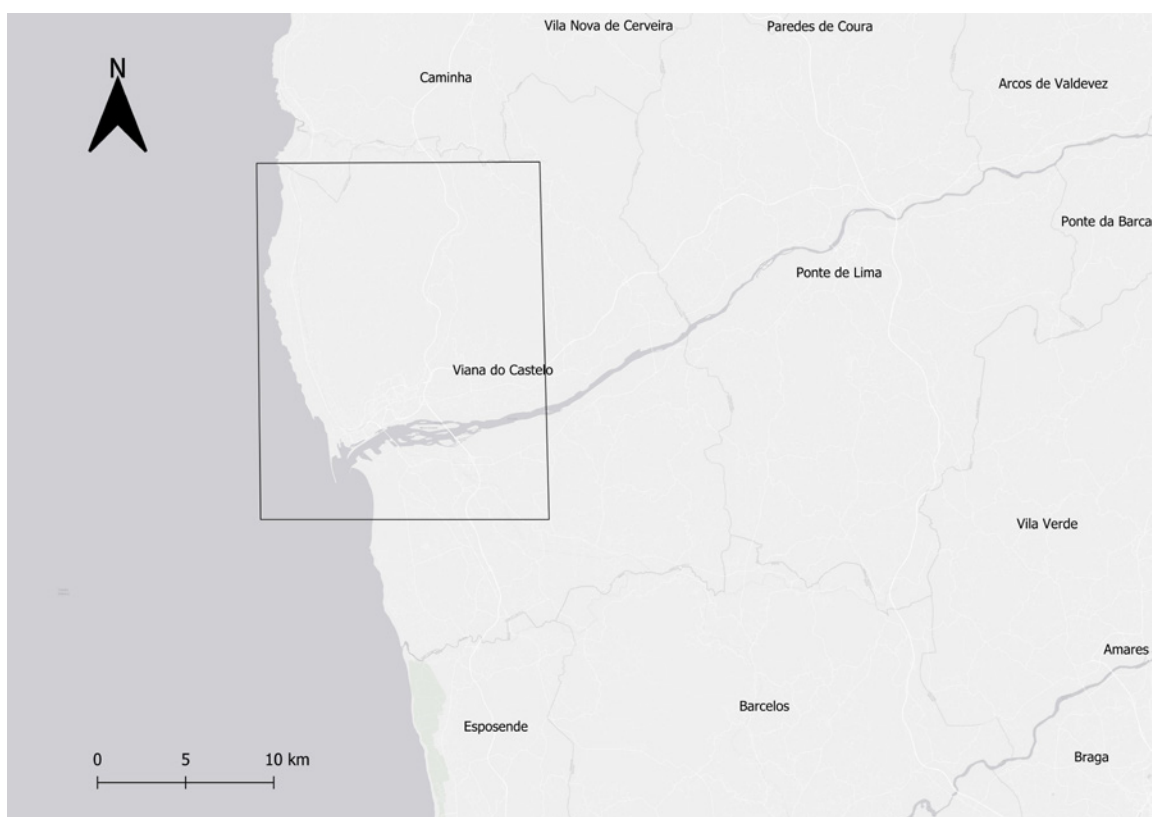


Figura 1 – Localização da área em estudo. Marco Freitas.

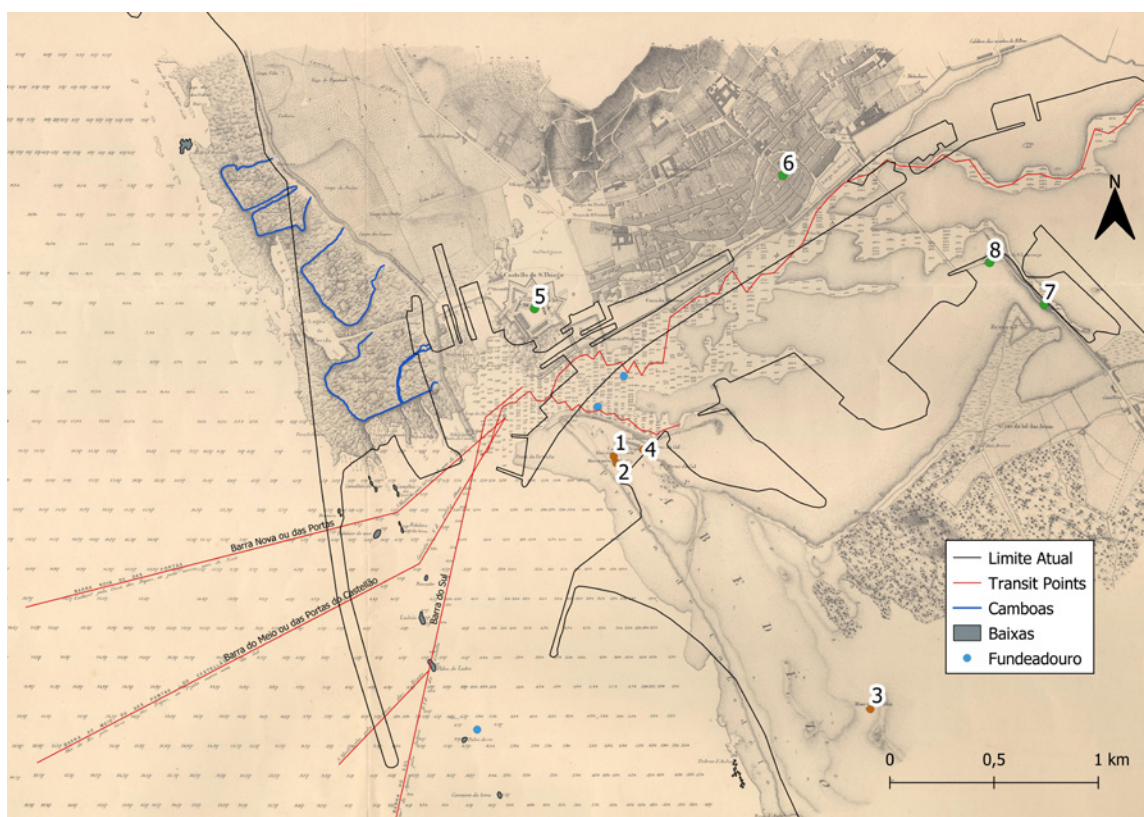


Figura 2 – Localização dos vestígios analisados a partir do Plano Hidrográfico da Barra e Porto do Rio Lima (Folque, et al., 1886). 1) Marca nova do Norte 2) Marca nova do Sul 3) Marca velha 4) Casa das Tripas 5) Fortaleza de Santiago da Barra 6) Igreja Matriz 7) Rua de Nossa Senhora das Areias 8) Capela de Nossa Senhora das Areias. Marco Freitas.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0
 **FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA**


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**